



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

A HUMANIDADE DE DEUS COMO FUNDAMENTO PARA UMA ESPIRITUALIDADE ÉTICA¹

*The humanity of God as the basis
for an ethical spirituality*

Jefferson Zeferino²
Clodovis Boff, OSM³

Resumo: Numa época em que se negligencia e se banaliza a questão da morte, marcada pela pobreza das propostas de sentido, sobressaindo-se a do hedonismo, entendemos que é o Espírito de Deus que promove e fundamenta a vida em sua integralidade. Neste artigo, trazemos um tema teológico central para a fé cristã, que é a humanidade de Deus, como ponto de contato para que se compreenda o ser humano enquanto ser de profunda densidade ontológica que, a partir de Deus, pode encarar a vida e a morte. Tomamos por base os textos “A importância eterna da humanidade de Cristo para a nossa relação com Deus” (presente na obra Teologia e Antropologia) de Karl Rahner, e “A humanidade de Deus”, artigo de Karl Barth. Esses teólogos são reconhecidos como dois dos maiores pensadores do século XX e servem como inspiração para nossa pesquisa. Neste trabalho, identificamos as teses centrais dos textos referidos e as comparamos com a finalidade de receber impulsos para a construção de uma espiritualidade baseada na humanidade de Deus e com implicações éticas – pois é a relação com Deus que fundamenta, motiva e ressignifica o todo da existência e da relação com o próximo. Nessa direção, demonstramos que uma espiritualidade ética é possível, necessária e urgente na atualidade, quando a incoerência entre vida e fé é gritante, e se vive, muitas vezes, uma espiritualidade desencarnada, descontextualizada e impotente.

Palavras-chave: Karl Barth. Karl Rahner. Humanidade de Deus. Espiritualidade ética.

Abstract: In a time in which the death matter is neglected and trivialized marked by the weakness of the life meaning proposals such as hedonism above all. We understand the God’s Spirit promotes and founds life on its entirety. On this article we work a theological matter, which is central to Christian faith – the humanity of God, as contact

¹ O artigo foi recebido em 21 de março de 2015 e aprovado em 27 de abril de 2015 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Mestrando em Teologia pela PUCPR. Membro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Orientando de Clodovis Boff. Bolsista Capes. Joinville/SC, Brasil. Contato: jefferson.zeferino@pucpr.edu.br

³ Doutor em Teologia pela Universidade de Louvain, Bélgica. Professor do PPGT da PUCPR. Sacerdote da Ordem dos Servos de Maria. Curitiba/PR, Brasil. Contato: osmcwb@gmail.com

point so that the human being may be comprehended as a being of deep ontological density who is capable to face life and death whereof God. We are based on the texts “The eternal importance of Christ’s humanity to our relation with God” (present in the work *Theology and Anthropology*) by Karl Rahner, and “The humanity of God” an article by Karl Barth. These theologians are renowned as two of the greatest thinkers in the 20th century and are our research inspiration. In this work we identified the central theses of the quoted texts and compared them in order to receive impulses for the construction of a God’s humanity based spirituality, which has ethical implications, because the relationship with God founds, motivates and gives the whole existence and to the relation with the other a new meaning. Thus, we demonstrate that an ethical spirituality is possible, needful and urgent nowadays where the incoherence between life and faith is enormous and a disembodied, decontextualized and impotent spirituality is lived.

Keywords: Karl Barth. Karl Rahner. Humanity of God. Ethical Spirituality.

Considerações iniciais

Atualmente, muito tem sido escrito acerca do tema da espiritualidade. Contudo, apesar do grande apelo, se percebe pouca profundidade nessas reflexões. Ao mesmo tempo, notam-se tendências ora para um extremismo do espiritual, o sobrenaturalismo, ora para o desprezo da mística em virtude da ênfase no material e no social. Por outro lado, o problema da morte geralmente é negligenciado, não sendo analisado em sua profundidade. Compreendemos que a questão da morte é tema intimamente relacionado com a espiritualidade. Na fé cristã, a espiritualidade se reporta ao conceito do Deus-humano. Assim, as noções de espiritualidade e morte dependem intimamente do conceito e da vivência que se tem de e com Deus.

Neste trabalho, recorreremos às contribuições de dois dos maiores teólogos do cristianismo com o intuito de receber impulsos para a reflexão acerca da espiritualidade. Barth, teólogo protestante suíço, e Rahner, teólogo católico alemão, marcaram a teologia do século XX pela erudição, qualidade e profundidade de suas obras. De Barth utilizamos o texto “A humanidade de Deus” e de Rahner “A importância eterna da humanidade de Cristo para o nosso relacionamento com Deus”. Assim, analisamos a relevância do Deus-humano para uma espiritualidade que faça sentido para o todo da vida e sirva como esperança e consolo diante da problemática da morte.

Análise do texto “A humanidade de Deus”, de Karl Barth

Barth inicia seu texto com a seguinte reflexão:

A humanidade de Deus – isto, corretamente compreendido, deve por certo significar: o seu relacionar-se com o ser humano e o voltar-se para ele; Deus que fala com o ser humano em promessa e mandamento; o ser, a intervenção e a ação de Deus em favor do

ser humano; a comunhão que Deus mantém com o ser humano; a livre graça de Deus, na qual ele não quer ser e não é Deus, exceto como Deus do ser humano⁴.

Barth recorda que, desde a Primeira Guerra Mundial, o tema da humanidade de Deus foi posto à margem e obscurecido, pois parecia não se poder pensar nesses termos naquele contexto. Contudo, “nossa tarefa é, justamente tendo por base o reconhecimento da divindade de Deus, o reconhecimento de sua humanidade”⁵.

Segundo Barth, “a teologia evangélica tinha se tornado quase que totalmente, pelo menos em todas as suas figuras e tendências representativas, religionística e, com isto, antropocêntrica e, neste sentido, humanística”. A teologia girava em torno da piedade. Para essa teologia falar de Deus “significava, quase sem disfarces, pensar no ser humano, precisamente no ser humano religioso, cristãmente religioso [...] de suas revelações e de seus milagres, de sua fê e de suas obras [...] o ser humano era engrandecido às custas de Deus”. Esse fora transformado “numa noção piedosa, em expressão mística e símbolo de um movimento que oscilava entre o ser humano e sua própria altura e profundidade”⁶.

Barth questiona se os acontecimentos do início do século passado não teriam esvaziado essa teologia antropocêntrica. “Teria sido por ocasião da irrupção da primeira guerra mundial, justamente o fracasso da ética da teologia então moderna, que nos fez desconfiar também de sua exegese, de sua ciência histórica e de sua dogmática?” ou então foi o “tema da Bíblia” que se tornou novamente presente – “justamente a divindade de Deus, sua autonomia e particularidade, não só frente ao cosmo natural, mas também frente ao espiritual, a existência, poder e iniciativa simplesmente ímpares de Deus, sobretudo em seu relacionamento com o ser humano”⁷? Essa palavra precisa ser reafirmada e dita novamente enquanto pressuposto da elaboração teológica, pois somente a partir da divindade de Deus é que se pode falar agora de sua humanidade. Barth deu-se conta que sua posição naquele período precisava ser revista, uma vez que não se podia menosprezar o ser humano, mas também não era errado ter essa imagem de Deus como alguém de outra qualidade. Contudo, o pressuposto básico a ser reconhecido é de que esse Deus quer estar ao lado da humanidade. “Justamente a divindade de Deus, corretamente compreendida, inclui sua humanidade.”⁸

Assim, a teologia incorrera em dois erros, a saber, a divinização do humano desprezando a divindade de Deus; e a enfática afirmação da divindade de Deus desprezando sua humanidade. Esse problema, para Barth, se resolve na correta interpretação da pessoa de Jesus Cristo, o qual “é parceiro fiel, tanto do ser humano como verdadeiro Deus, quanto de Deus como verdadeiro ser humano. Ele é tanto o Senhor descido para a comunhão com o ser humano quanto o servo elevado para a comunhão com

⁴ BARTH, K. A humanidade de Deus. In: _____. *Dádiva e Louvor: ensaios teológicos de Karl Barth*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. p. 389.

⁵ BARTH, 2006, p. 389.

⁶ BARTH, 2006, p. 390.

⁷ BARTH, 2006, p. 391.

⁸ BARTH, 2006, p. 392-394.

Deus”⁹. Jesus Cristo totalmente humano e totalmente Deus, se tornando, portanto, o mediador entre Deus e os homens e entre os homens e Deus, de um lado despertando a fé e do outro sendo intercessor. Jesus Cristo é o despenseiro da graça e aproximador do Reino. Segundo Barth: “E exatamente assim, como este mediador e reconciliador entre Deus e o ser humano, Jesus Cristo também é o revelador de ambos”. Daí que a pergunta pela divindade de Deus só pode ser feita a partir da reflexão acerca de Jesus Cristo. Deve ficar claro aqui que “sem a descida de Deus não haveria elevação do ser humano”; que Deus é sempre o ato primeiro e que o ser humano sempre pode responder, e que a liberdade do ser humano está ligada a Jesus Cristo e por isso a Deus¹⁰.

Karl Barth enfatiza que Jesus Cristo é o mediador e ponto central do amor e da comunhão de Deus com o ser humano. É a abertura para a sua condescendência. Em Cristo, Deus é livre para ser o Deus conosco. Somente aquele que é capaz de descer a fim de ter um relacionamento ímpar com o ser humano é que pode ser o “Deus vivo”. “Justamente em vista de Jesus Cristo, também está decidido que a divindade de Deus não exclui, mas inclui sua humanidade”, pois é através dela que Deus está livre para manifestar o seu amor. “Para ser verdadeiro Deus, de maneira alguma Deus precisa excluir a humanidade, ou carecer da não-humanidade ou até mesmo da desumanidade”¹¹. A divindade de Deus vista sem sua humanidade “seria a falsa divindade de um falso Deus. Tais falsas divindades foram ridicularizadas de uma vez por todas em Jesus Cristo. Nele decidiu-se de uma vez por todas que Deus não é sem o ser humano”¹². Contudo, é óbvio que Deus não precisa do ser humano ou do universo para ser Deus, uma vez que Deus em si não seria jamais solitário, sendo Trindade. Mas aí está o seu grande mistério, que em Jesus Cristo Deus escolhe estar com o ser humano. “Sua livre afirmação do ser humano, sua livre participação nele, sua livre intervenção em favor dele – isto é a humanidade de Deus. Nós a reconhecemos precisamente lá onde também e em primeiro lugar reconhecemos sua divindade”. Por isso Deus é aquele que

se deixa sensibilizar pela fraqueza e perversão, pela perplexidade e miséria do povo que o rodeia, alguém que não despreza a esse povo assim como ele é, mas, incompreensivelmente o tem em grande estima, alguém que se preocupa com ele e o põe dentro de seu próprio coração, se coloca a si mesmo em seu lugar, alguém que reconhece a superior vontade de Deus, à qual se subordina completamente, em ter que entregar-se a si mesmo por esse povo e que procura sua honra justamente nessa entrega¹³.

Além disso, Barth afirma categoricamente que

no espelho dessa humanidade de Jesus Cristo revela-se a humanidade de Deus, incluída em sua divindade. [...]. Assim ele diz seu sim ao homem. Assim ele participa do ser

⁹ BARTH, 2006, p. 394.

¹⁰ BARTH, 2006, p. 395.

¹¹ BARTH, 2006, p. 396.

¹² BARTH, 2006, p. 397.

¹³ BARTH, 2006, p. 397.

humano. Assim ele se engaja em favor do ser humano. [...] Se Jesus Cristo é a palavra da verdade, o “espelho do coração paterno de Deus”, então a afirmação de Nietzsche de que o ser humano é algo que tem que ser superado não passa de uma mentira insolente, então a verdade de Deus é esta e nenhuma outra: seu amor para com os seres humanos, falando com Tito 3.¹⁴

Em Cristo, Deus se abre para a humanidade e esta tem acesso a ele dentro dos limites colocados por Deus, os quais não podem ser vistos como barreiras, mas como critérios relacionais. Decorre da humanidade de Deus a necessidade de a teologia se ocupar não só de Deus e não só do ser humano, mas do encontro Deus-humano, ou seja, o ponto de partida da teologia não pode ser outro senão Jesus Cristo. Dessa forma, dogmática, exegese e ética devem estar profundamente atentas a esse pressuposto, servindo a teologia para que essa não incorra no erro de falar do humano desvinculado de Deus. Além disso, é necessário perceber que a teologia cristã não se encerra na teoria, pelo contrário, ela se mostra sempre de novo prenhe de um *querigma*, refletido, necessitando ser proclamado contextualizadamente. Pois a pessoa cristã é aquela que não só observa a história, mas que se inclui radicalmente dentro dela a partir de sua fundamentação teológica, que é esse Deus-humano. Disso decorre que a teologia é também tarefa, a qual consiste em refletir a humanidade de Deus e traduzi-la consistentemente para a humanidade, pois é através dela que o *não* do ser humano é substituído pelo *sim* de Deus. A seriedade ética oriunda da humanidade de Deus é extremamente urgente, tanto mais que a questão do amor de Deus não pode ser jamais subestimado. Quanto à igreja, ela deve confessar a humanidade de Deus, ser lugar de serviço e estar sempre posta sob o senhorio de Cristo e a ação do Espírito Santo. Além disso, deve estar ciente de ser uma comunidade, justamente por ser plural, uma vez que ser cristão é ser com outros. A igreja possui a tarefa de ser o local teológico em que a humanidade de Deus é refletida para o restante do mundo, sendo aquela comunidade que do próprio Cristo recebeu essa missão.¹⁵

Teses centrais

Da elaboração teológica, oriunda do texto de Barth, se destacam as seguintes ideias centrais:

1. A humanidade de Deus significa Deus com o ser humano – Deus voltado para ele, enquanto Deus da humanidade.
2. A tarefa da teologia é, uma vez reconhecida a divindade de Deus, reconhecer também a humanidade de Deus.
3. Nem a divindade de Deus nem sua humanidade podem ser subestimadas e/ou menosprezadas.
4. A divindade e a humanidade de Deus precisam ser reafirmadas.

¹⁴ BARTH, 2006, p. 397-398.

¹⁵ BARTH, 2006, p. 398-405.

5. Em Jesus Cristo, a humanidade e a divindade de Deus encontram sua correta articulação.
6. A pergunta pela divindade de Deus só pode ser feita a partir da reflexão acerca de Jesus Cristo.
7. O ser humano só pode se relacionar com Deus na medida em que Deus quis descer ao ser humano.
8. Jesus Cristo é o mediador e ponto central do amor e da comunhão de Deus com o ser humano. Ele é a abertura para a condescendência divina.
9. Em Cristo, Deus é livre para ser o Deus conosco.
10. Na não excludente relação entre a humanidade e a divindade de Deus em Cristo é que está a liberdade de Deus para manifestar o seu amor em prol da humanidade.
11. Deus não precisa do ser humano ou do universo para ser Deus, uma vez que Deus em si não seria jamais solitário, sendo Trindade, mas aí está o seu grande mistério: que em Jesus Cristo Deus escolhe estar com o ser humano.
12. Jesus é a verdade que abre o coração de Deus para o ser humano.
13. Deus se sensibiliza com o ser humano e escolhe entregar-se totalmente em Jesus Cristo.
14. Decorre da humanidade de Deus a necessidade da teologia ocupar-se não só de Deus e não só do ser humano, mas do encontro Deus-ser humano.
15. O ponto de partida da teologia não pode ser outro senão Jesus Cristo.
16. A dogmática, a exegese e a ética devem estar profundamente atentas à humanidade de Deus, de modo que a teologia não incorra no erro de falar do humano desvinculado de Deus.
17. A teologia cristã não se encerra na teoria, pelo contrário, ela se mostra sempre de novo prenhe de um *querigma*.
18. A seriedade ética oriunda da humanidade de Deus é extremamente urgente.
19. A igreja possui a tarefa de ser o local teológico em que a humanidade de Deus é refletida para o restante do mundo.
20. A igreja também deve estar firmemente fundamentada na humanidade de Deus, sempre contando com o agir e o senhorio do Deus-humano.

Considerações sintéticas

Na análise de Barth, é marcante sua intenção de clarificar o tema da humanidade de Deus. Recorre primeiro às confusões que esse tema pode causar. Ele assinala que fundar a divindade de Deus à exclusão de sua humanidade é tão errado quanto diluí-la num humanismo antropocêntrico. Em seguida, Barth trata de colocar o fundamento máster para refletir sobre a humanidade de Deus, tal fundamento não pode ser outro senão Jesus Cristo. Esse é o ponto central de todo o seu pensamento e a partir desse ponto de partida é possível tratar das implicações deste tema. Contudo, deve ficar claro que em Jesus Cristo é Deus que se faz ser humano e não o ser humano que se faz Deus. Trata-se, pois, de um movimento condescendente, a partir do qual Deus

está livre para amar a humanidade de forma singular. Enfim, a humanidade de Deus é a única maneira de se falar de um Deus acessível à humanidade. Justamente por isso falar da humanidade de Deus é falar de relacionamento e comunhão, é falar do amor ao próximo, da vida em comunidade, enfim, de um sentido último para a existência. Para Barth, a humanidade de Deus é o fundamento a partir do qual o ser humano pode tornar-se verdadeiramente humano. Com efeito, é a partir daí que Deus se abre para a relação com o ser humano e ser humano pode realizar-se enquanto humano. Assim, a questão da morte pode ser adequadamente discutida a partir de uma espiritualidade nutrida por um Deus que se compadece e que assume a realidade humana em sua integralidade. Somente um Deus que morreu e ressuscitou pode dar consolo, esperança e sentido à morte humana. É evidente, porém, que essa espiritualidade não se encerra no eu, mas se desdobra na relação com o próximo.

Análise do texto “A importância eterna da humanidade de Cristo para a nossa relação com Deus”, de Karl Rahner

Rahner inicia seu texto falando sobre o Sagrado Coração de Jesus, mas, antes de tratar do tema em si, tenta esclarecer a posição de quem se depara com esse tema. Para ele, o ser humano se depara com Deus e com o mundo.¹⁶ Nessa relação entre ser humano, mundo e Deus, o autor afirma: “é certo que [Deus] santifica e redime o próprio mundo. Mas, redime-o forçando, e a nós concede-nos um dinamismo (chamado amor sobrenatural que crê) para lançar-nos em adoração nas trevas de sua luz”¹⁷. Há, portanto, sempre uma esfera relacional ímpar, entre o criado e o incriado.

Sobre os santos, os anjos, a humanidade e o coração de Cristo, Rahner questiona se, além da teoria, é possível um relacionamento com eles, ou se esses se diluem na realidade que chamamos Deus. A pergunta é se eles se diferenciam em algo do genérico Deus, ou se são simples nomes para Deus e se tudo o mais que existe seja apenas um “reflexo da luz de Deus”, e se anjos e demônios não passam de literatura. É nesse sentido que a questão do Coração de Jesus vem à tona, ou seja, se esse for apenas um simples nome, que como Cristo não passaria de uma referência a Deus. É importante, porém, para a adoração ao Coração de Jesus, que esse seja algo distinto de Deus. Nota-se que sob a ideia de Coração de Jesus está o conceito da humanidade de Cristo.¹⁸

Por outro lado, há sempre o risco de diminuir Deus ao torná-lo abstrato demais, na medida em que se veneram os santos. Assim, o texto trata especificamente da “relação das realidades numinosas criadas com Deus criador, e outra, especial, sobre a humanidade do Cristo e seu Coração humano”¹⁹.

¹⁶ RAHNER, K. A importância eterna da humanidade de Cristo para o nosso relacionamento com Deus. In: _____. *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969. p. 43-44.

¹⁷ RAHNER, 1969, p. 44.

¹⁸ RAHNER, 1969, p. 44-49.

¹⁹ RAHNER, 1969, p. 50.

Para o autor, as dificuldades de se trabalhar essas questões se fundam nas tendências panteístas de diluição do que é criado no Criador, resultado da “*hybris*” enquanto pecado original. Contudo, a dignidade das coisas não consiste em possuírem divindade própria em uma determinada diluição na realidade divina, pelo contrário, as coisas criadas são amadas incondicionalmente pelo seu Criador e aí está sua dignidade. Também por isso as coisas criadas não podem ser desprezadas, mas deve-se amá-las, pois Deus as ama. “Temos de amar, portanto, o que ele ama não como o transitório, [...] mas como o válido diante de Deus e eternamente justificado, ou seja, como algo religioso e numinosamente válido diante de Deus.” Ou seja, o mundo todo tem valor a partir de Deus.²⁰

Assim, há no cristianismo um afastamento do criado em direção a Deus, que é a fonte nutritiva da vida, porém, num segundo momento, justamente movido por Deus, o ser humano pode se voltar para as criaturas em postura de serviço. Há, porém, ainda um terceiro momento, o de enxergar, no amor de Deus, as criaturas, e ainda mais, ver em Deus o finito, a criatura no Criador. “O fato de que Deus mesmo seja homem é o cume único e a causa última da relação de Deus com sua criação.” Assim, o caminho de união, resguardada a diferença qualitativa, entre a criatura e o Criador, é a humanidade de Cristo. É Cristo que torna Deus acessível. Fora dele, Deus não passa de infinito abstrato inalcançável.²¹

Esse “Jesus-homem não só foi uma vez de decisiva importância para a nossa salvação, ou seja, para nossa descoberta real do Deus absoluto, [...] mas também é agora e por toda a eternidade, [...] a permanente abertura de nossa finitude ao Deus vivo de vida eterna e infinita”. Por isso ele também é “em sua humanidade, a realidade criada que nos representa no ato de nossa religião, de tal maneira que, sem o ato orientado para a sua humanidade e dirigido (implícita ou explicitamente) por meio dela, não alcança a sua meta o ato religioso fundamental orientado para Deus”²².

Contudo, essa realidade da fé que é o “Verbo feito carne” encontra dificuldades para ser formulado, uma vez que teorizar algo dessa grandeza é tarefa árdua. Segundo Rahner, cada teólogo deveria perguntar-se: Sua teologia contempla

o Verbo encarnado, que é homem e, precisamente por sê-lo, é Mediador necessário e eterno de toda a salvação, não só de uma vez por todas no passado, mas também agora e por toda a eternidade? E o é de tal maneira que como Deus-Homem encontra-se no interior de todo o ato religioso também com sua humanidade, e assim esta se torna, sempre e essencialmente o objeto mediador do ato latrêutico único, que tem a Deus por alvo?²³

Portanto, o ato religioso fundamenta-se no seguinte: “que Deus comunicou-se com o mundo no seu Filho feito homem e que, por isto, o mesmo permanece por toda a eternidade como o Cristo”. Assim, o ato religioso precisa ter essa “estrutura encar-

²⁰ RAHNER, 1969, p. 50-52.

²¹ RAHNER, 1969, p. 54-55.

²² RAHNER, 1969, p. 55-56.

²³ RAHNER, 1969, p. 57.

natória”. Além disso, percebe-se que o Coração de Jesus, enquanto “centro original da realidade humana do Filho de Deus” precisa ser expresso em ato religioso, sendo reconhecido como algo além de uma palavra e em toda a sua densidade ontológica enquanto humano. É ao Coração humano de Deus que o homem se reporta para reconhecer o infinito amor de Deus, pois é no Coração de Jesus que Deus se tornou “carne de nossa carne na finitude de nossa existência”. E é “a este Coração que nos referimos como objeto e fim, [...] como centro de mediação pelo qual deve passar qualquer movimento nosso para chegar realmente a Deus”. O Coração de Jesus enquanto “refúgio de salvação” é o centro da humanidade de Deus e, justamente por isso, centro da mediação entre o homem e Deus. Assim, deve ficar claro que Cristo é o único acesso a Deus, mas que o ser humano não se torna Deus nesse processo. Contudo, também precisa estar claro que “pode-se ser cristão sem ter ouvido uma só palavra humana sobre o Coração de Jesus. Não se pode, porém, ser cristão sem que o espírito passe no Espírito Santo através da humanidade de Cristo, e, por ela, através do centro unificador que chamamos coração”.

Teses centrais

Da análise de Rahner se destacam as seguintes teses:

1. O ser humano se depara e se relaciona com o mundo e com Deus.
2. Os santos, os anjos, a humanidade e o coração de Cristo são realmente cridos como algo que está além de Deus?
2. É importante para a adoração ao Coração de Jesus que este seja algo distinto de Deus.
3. Há sempre o risco de diminuir Deus ao torná-lo abstrato demais.
4. Deus e a humanidade de Cristo são centrais para a fé.
5. A dignidade do que não é Deus consiste em ter sido criado e amado profundamente por Deus.
6. As coisas criadas não podem ser adoradas como se fossem Deus, nem menosprezadas por não serem Deus.
7. Há no cristianismo um afastamento do criado em direção a Deus, que é a fonte nutritiva da vida, porém, num segundo momento, justamente movido por Deus o ser humano pode se voltar para as criaturas em postura de serviço.
8. Deve-se enxergar as criaturas no amor de Deus e, ainda mais, ver em Deus o finito, a criatura no Criador.
9. O caminho de união, resguardada a diferença qualitativa, entre a criatura e o Criador é a humanidade de Cristo.
10. É Cristo quem torna Deus constantemente acessível. Fora dele, Deus não passa de infinito abstrato inalcançável.
11. A humanidade de Deus merece ser adorada em ato religioso.
12. Essa humanidade de Deus é termo árduo para ser elaborado e cada teólogo deve levar essa tarefa muito a sério.

13. O ato religioso precisa possuir concretude, assim como seu referencial que é o Deus feito ser humano.
14. O Coração de Jesus precisa ser expresso em ato religioso, sendo reconhecido como algo além de uma palavra e em toda a sua densidade ontológica enquanto humano.
15. É ao coração humano de Deus que o ser humano se reporta para reconhecer o infinito amor de Deus.
16. O Coração de Jesus é o centro da mediação entre Deus e o ser humano, por ser o centro da humanidade de Deus.
17. Ser cristão é estar ligado ao espírito da encarnação de Deus – é estar em consonância com a humanidade de Cristo.

Considerações sintéticas

Do texto de Rahner fica muito clara sua intenção de fundamentar o relacionamento do ser humano com Deus e do ser humano com o próximo na humanidade de Deus. Desta forma, a base relacional do ser humano não fica fundamentada em si mesma e em sua finita humanidade, nem fica fundamentada em Deus enquanto soberano inalcançável, mas, ao falar do Coração de Jesus, Rahner mostra que a partir da humanidade de Deus é que o ser humano pode ter acesso a Deus e tornar-se plenamente humano para poder se relacionar verdadeiramente com o próximo. Na perspectiva da espiritualidade, esta está baseada em Deus e na humanidade, não enquanto instâncias separadas e muito menos diluídas. A fundamentação da espiritualidade se dá no Coração de Jesus, que é o caminho da mediação entre Deus e a humanidade justamente por representar o centro da humanidade de Deus. Desta forma, assim como em Barth, encontramos uma espiritualidade e um sentido para a existência fundamentados no mais profundo mistério do universo, que é este Deus feito ser humano. Dito de outra forma, a espiritualidade se nutre do Coração de Jesus. E é este Coração que, tendo vencido a morte, continua pulsando e bombeando esperança para a humanidade.

Pontos de congruência entre os textos analisados

Tanto Barth quanto Rahner têm seu ponto de partida muito bem definido, a saber, Jesus Cristo. Ao falar da humanidade de Deus, ambos se fundamentam na pessoa de Jesus Cristo como o ponto central e momento fulcral do relacionamento de Deus com a humanidade. Eles percebem que no movimento crístico encarnado em Jesus Deus se abre para receber a humanidade em sua própria constituição ontológica.

Contudo, novamente Barth e Rahner tomam todo o cuidado para que essa maravilhosa noção da humanidade de Deus não seja confundida com um panteísmo, de modo que o ser humano se perca em Deus e que Deus se perca no ser humano. Pelo contrário, os dois teólogos se preocupam em sustentar firmemente a diferença que há entre Deus e o ser humano, e justamente por isso é que este movimento de condescendência parte de Deus, sendo que o ser humano por si jamais poderia ter acesso a

Deus. Aí é que está o grande mistério: que Deus, em sua eternidade e magnificência, escolhe se abrir ontologicamente para a realidade humana e recebê-la tão profundamente a ponto de não mais poder se separar dela. Porém, vale reiterar, esse mistério se encontra na pessoa de Jesus Cristo, reconhecido por ambos autores como o mediador. Sem ele o ser humano não pode chegar-se a Deus, sendo esse o meio pelo qual Deus escolheu para chegar-se ao ser humano.

Impulsos para a espiritualidade cristã

A espiritualidade é o momento da vida cristã em que práxis, teoria e comunhão se unem. Ela é o ponto em que a pessoa cristã encontra o consolo para a vida, pois é a partir dela que se compreende o relacionamento com Deus e com a vida, estando incluída aí a questão da morte. Porém a espiritualidade também deve ser o ponto de partida para a relação com o próximo e aí se coloca a questão da ética, porque é na espiritualidade que o ser humano se abre a Deus e ao próximo. Esse movimento de abertura movido por Deus implica necessariamente que o ser humano aja eticamente, e se entenda como responsável pelo próximo. Daí a necessidade do cristão colocar-se no mundo de forma radical, atento às necessidades das pessoas, sendo vedada a possibilidade de seu fechamento em guetos. A doação de Deus em Cristo em prol do ser humano torna-se imperativo para a doação do cristão em favor do próximo.

De Barth e Rahner recebemos impulsos valiosos no que diz respeito à fundamentação da espiritualidade. Como já mencionamos, para ambos é basililar a noção da humanidade de Deus, compreendida a partir da pessoa real de Jesus Cristo para estabelecer o sentido da vida. Essa fundamentação não pode de forma alguma ter caráter fantástico ou metafórico, pois aí não possuiria densidade para dar conta das demandas da existência, como são as questões da morte e do próximo – categorias que recebem significação a partir da humanidade de Deus.

Nessa direção tomamos a formulação de Rahner a respeito do Coração de Jesus como símbolo máster de nossa análise. Pois é do peito do Salvador que emana o sentido último da existência, que se dá no encontro com Deus promovido por ele mesmo.

Considerações finais

Falar da humanidade de Deus é encontrar o ponto de contato para se falar de uma espiritualidade ética. Isso decorre da imposição atitudinal que se dá na exigência relacional da fundamentação em Jesus Cristo. Assim, tendo em mente Jesus Cristo, que é a mediação entre Deus e a humanidade, entendemos que ele é o fundador da humanidade de Deus e do relacionamento entre o ser humano e Deus, entre Deus e o ser humano e entre os seres humanos entre si. No interior da palavra relacionamento está incluída a realidade da questão ética. Essa precisa ser refletida a partir da instância radical que é a humanidade de Deus, a qual também dá sentido ao ser humano diante da morte.

Compreender o ser humano a partir desse pressuposto é conferir-lhe uma densidade ontológica e uma dignidade sem precedentes na história. Por isso as vozes de Barth e Rahner são tão eloquentes. Desses se pode reconhecer principalmente: que Jesus Cristo é o ponto de partida para a fé, para a teologia, para a ética, para a questão da morte e para qualquer coisa que se pense; o Coração de Jesus é o centro da relação de Deus com o ser humano por ser o centro da humanidade de Deus; em Jesus Cristo irrompe o Reino de Deus, e esse se aproxima de nós; a dignidade humana encontra seu lugar vivencial na humanidade de Deus; Jesus Cristo deve ser levado a sério em toda a sua profundidade ontológica pela teologia e pela ética cristã.

Enfim, o reconhecimento da divindade de Deus a partir da sua humanidade eleva a espiritualidade humana e suas implicações para a existência a um nível de relevância e importância altíssimo. Assim, a teologia cristã assume um pressuposto extremamente rigoroso diante do qual se requer uma postura de total comprometimento no sentido de pensar toda a realidade a partir desse pressuposto, considerando-o seriamente até o fim. Uma espiritualidade que dê sentido à vida como um todo, das questões éticas à questão da morte é encontrada na teologia cristã quando se toma como ponto de partida a pessoa de Jesus Cristo, ser humano-Deus, salvador do ser humano integral.

Referências

- BARTH, K. A humanidade de Deus. In: _____. *Dádiva e Louvor: ensaios teológicos de Karl Barth*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. p. 389-405.
- BOFF, C. *Escatologia: breve tratado teológico-pastoral*. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
- RAHNER, K. A importância eterna da humanidade de Cristo para o nosso relacionamento com Deus. In: _____. *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969. p. 43-59.